

Importância da pesquisa social em saúde

Prof. José Mouriño Mosquera

Prof. Claus Dieter Stobäus

As Ciências Sociais, como hoje as conhecemos, formaram-se principalmente num confronto com o avanço espetacular das ciências naturais e da tecnologia no final do século XVIII e no século XIX. Digo isso asperamente, sabendo da complexidade que a afirmação dissimula.

GIDDENS, 1978 (p. 11)

Investigar a estruturação das práticas sociais é procurar explicar como as estruturas são constituídas pela ação, e reciprocamente como a ação é constituída estruturalmente.

GIDDENS, 1978 (p. 169)

É sabido que o ser humano tem estado sempre interessado em decifrar e conviver com seu meio ambiente e, especialmente, em entender a natureza dos fenômenos que se lhe apresentam ante os seus sentidos. Obras belíssimas como "Uma história natural dos sentidos", de Diane Ackerman, o comprovam.

Os meios que lhe servem para alcançar estes fins podem classificar-se em três amplas categorias: *experiência*, *raciocínio* e *investigação*. É importante alertar que, apesar de poderem ser analisadas por separado, estas categorias servem, quando integradas, para a busca de solução de complexos problemas que afetam a sua vida e o seu mundo em constante mutação.

Passamos a analisar estas três categorias, já que elas representam os níveis de conhecimento com os quais o ser humano lida e tenta desenvolver a sua existência.

Experiência: Emanada de um certo número de fontes de informação ante a necessidade de resolução de um problema. A primeira fonte da experiência é a *experiência pessoal*, composta pelas vivências, habilidades, destrezas e interesses desenvolvidos com anterioridade. Já quando o problema é mais complexo e não faz parte do repertório das nossas habilidades, tendemos a recorrer a uma *autoridade* ou especialistas.

Este primeiro tipo de conhecimento é fundamental e serve como base de esclarecimento e pautas de vida. Pode ser chamado de "conhecimento do *senso comum*" e, hoje, se reconhece o seu valor ante a profundidade do cotidiano. Os autores mais inovadores (entre eles Habermas e Heller) têm salientado insistentemente que o significado profundo da cotidianidade não pode, de forma alguma, ser rejeitado.

Raciocínio: É a segunda categoria pela qual o ser humano tenta conhecer, de maneira mais aprofundada, o seu mundo, a sua sociedade e a si mesmo. O raciocínio pode ser estudado na tríplice dimensão: raciocínio dedutivo, raciocínio indutivo e o método combinado indutivo-dedutivo.

Como já se sabe, o raciocínio dedutivo se fundamenta no *silogismo*, que foi a grande contribuição de Aristóteles à lógica formal. Na sua forma mais simples o silogismo se compõe de uma premissa maior, fundamentada em uma proposição evidente e, numa premissa menor, que propicia uma instância particular e uma conclusão.

O silogismo foi um dos grandes recursos do intelecto humano até o Renascimento, quando começou a ser substituído pela vidência empírica. O grande passo foi dado no século XVII, quando Francis Bacon deu ênfase sobre a ciência fundamentada na observação. Através das suas contribuições, propôs o todo de método de raciocínio indutivo por meio do qual o estudo de um número de casos individuais deveria levar a uma hipótese e, finalmente, a uma generalização.

A maior contribuição de Bacon foi ter orientado a atenção dos cientistas para a *natureza* em busca de soluções para os problemas do ser humano, exigindo a evidência empírica para sua verificação.

Por outro lado, estes dois enfoques se aproximaram e conseguiram formar o indutivo-dedutivo, que consiste um movimento de trás para diante e no qual o pesquisador trabalha primeiro indutivamente, de observação a hipóteses, e depois dedutivamente, desde estas hipóteses até suas implicações com a finalidade de comprovar a sua validade, desde o ponto de vista de sua compatibilidade com o conhecimento aceito. Depois de revisá-las, quando for necessá-

rio, se submetam estas hipóteses a provas posteriores, através da reunião de dados desenhados especificamente para comprovar sua validade empírica.

Esta dupla aproximação é a essência do método científico moderno e marca o último passo do progresso humano para a ciência empírica. Este é um caminho que leva o ser humano à compreensão mais profunda de um universo simbólico, rico, singular e, especialmente, desafiador, na concepção de autores como Geertz & Clifford (1991).

A última categoria da qual nos iremos ocupar é a *Investigação*.

No mundo em que vivemos, a *Investigação Científica* tem um significado profundo, pois representa um dos instrumentais que mais tem contribuído para a ampliação do conhecimento humano e também para o aumento da perplexidade ante os desafios que a história e o cotidiano nos apresentam.

De forma geral a *Investigação* apresenta três características que a tornaram singular e, ao mesmo tempo, poderosa.

Primeira: A experiência lida com fatos produzidos ao acaso (ou casualmente), a *Investigação* é sistemática e controlada, fundamentando suas operações na indução-dedução.

Segunda: A *Investigação* é empírica, quer dizer que há a necessidade de validação em qualquer momento ou circunstância. Em outras palavras, a *Investigação* sempre gera a comprovação e sua conseqüente superação.

Terceira: A *Investigação*, pela sua natureza, é auto-corretora e, isto é, provavelmente, a função mais importante da Ciência, já que a correção de resultados, conceitos e procedimentos torna público o conhecimento e sua comprovação torna-se imperiosa.

Em síntese, a *Investigação* é uma

combinação dialética de experiência e raciocínio e tem como missão a aproximação à verdade.

REALIDADE SOCIAL: QUAL A CONCEPÇÃO?

Existe, na nossa época, um consenso que foi conseguido através de uma grande luta e conseqüente desgaste. Trata-se da dificuldade em possuir uma *visão monolítica* e única da realidade, por isto o consenso se dá na visão da *multiplicidade* e da *dinâmica simbólica* dos processos cognitivos humanos. Portanto as ações humanas não são mecânicas ou simples repetições ao acaso.

É significativo o esforço para detectar quais são os pressupostos que regem a *Investigação Científica* e, por isto, passamos a analisá-los.

*Supostos de cunho *ontológico*: São os que dizem respeito à verdadeira natureza ou essência dos fenômenos que serão investigados. Por isto podemos questionar: É a realidade social externa ao indivíduo, ou é produto da consciência individual? Podemos sentir que estas questões nos levam ao debate *nominalista-realista*.

*Supostos de cunho *epistemológico*: São os que afirmam as verdadeiras bases do conhecimento (sua natureza, formas, como se podem adquirir e como comunicar a outros seres humanos), por isto alguns consideram a objetividade fundamental e outros admitem que a subjetividade é um compromisso com o *humano*. Se costuma conhecer os mais objetivos por positivistas e os mais subjetivos por *antipositivistas*.

*Supostos sobre a *natureza humana* e a relação entre *pessoas e seu entorno*: É evidente que, como o ser humano é tanto sujeito como objeto de seu estudo, as conseqüências para a Ciência Social são de extraordinária importância. Destes supostos emergem as imagens de ser humano que orientarão o trabalho científico e cujas conseqüências são fartamente conhecidas e discutidas na atualidade.

"No mundo em que vivemos, a *Investigação Científica* tem um significado profundo, pois representa um dos instrumentais que mais tem contribuído para a ampliação do conhecimento humano e também para o aumento da perplexidade ante os desafios que a história e o cotidiano nos apresentam."

Como é natural, os três tipos de supostos influenciam de forma decisiva sobre as metodologias e, obviamente, rompem com a famigerada *neutralidade* da ciência.

Assim, se temos uma visão do *mundo social* como o *mundo natural* (como se fosse uma realidade dura, externa e objetiva), então a *Investigação* se dirige para analisar as relações e regularidades entre fatores selecionados neste mundo. Conseqüentemente, se apresenta como predominantemente *quantitativa*. Esta caracterização de procedimentos e métodos, desenhados

para descobrir leis gerais, pode denominar-se *nomotética*.

Porém, se a visão do *mundo social* acentua a importância da *experiência subjetiva* dos indivíduos na criação deste mundo, então a procura pela compreensão se enfoca sobre temas diferentes e suas possíveis e diversas aproximações. A inquietação principal é a interpretação, o método adota um aspecto *qualitativo*, tanto como *quantitativo*. A ênfase sobre o particular e individual é o que se denomina de *ideográfico*.

**A - QUADRO RESUMO
A Dimensão Subjetiva-
Objetiva.
Um esquema para analisar
os supostos sobre a
natureza da Ciência Social.**

Aproximação Subjetiva à Ciência Social		Aproximação Objetiva à Ciência Social
NOMINALISMO.....	ONTOLOGIA.....	REALISMO
ANTIPOSITIVISMO<.....	EPISTEMOLOGIA.....	POSITIVISMO
VOLUNTARISMO<.....	NATUREZA HUMANA.....	DETERMINISMO
IDEOGRÁFICA<.....	METODOLOGIA.....	NOMOTÉTICA

Dimensões de comparação	Objetivista	Subjetivista
Base Filosófica	REALISTA: O mundo existe e é cognoscível como ele realmente é.	IDEALISMO: O mundo existe, mas as pessoas o explicam diferentemente.
O papel da Ciência Social	Descobrir leis universais da sociedade e do comportamento humano.	Descobrir como as pessoas interpretam o mundo em que vivem.
Unidades Básicas da Realidade Social	A coletividade: sociedade ou organizações.	Indivíduos agindo sozinhos ou reunidos.
Métodos de entendimento	Identificando condições que permitam existir a sociedade.	Interpretação dos significados subjetivos que as pessoas aplicam a suas ações.
Teoria	Um edifício racional construído por cientistas para explicar o comportamento humano.	Conjunto de significados que as pessoas usam para dar sentido à sua vida.
Investigação	Validação experimental ou quase experimental da teoria.	A procura de relações com sentido e a descoberta das conseqüências para o agir.
Metodologia	Abstração da realidade: modelos matemáticos e quantificação.	Representação da realidade com fins de comparação. Análise, linguagem significada.

**B - QUADRO RESUMO
Bases alternativas para
interpretar a realidade
social
Concepções
da realidade social**

Como podemos observar pelos quadro-resumo analisados, estamos ante duas vertentes ou formas de conhecimento que possibilitam diferentes leituras da realidade e nos levam a configurações sociais e culturais diferenciadas.

A visão objetivista tem como precursor mais insigne e atual o filósofo Auguste Comte, que conscientemente inventou uma nova ciência da sociedade. Pensou que era possível estabelecê-la em uma base *positiva*, junto com outras ciências que lhe serviriam como modelos. Portanto, os fenômenos sociais seriam vistos à luz das leis e teorias fisiológicas e pesquisados experimentalmente, tal como os fenômenos físicos.

Giddens et Clifford (1991) esclarecem a influência do moderno *positivismo*, dizendo que: 1) Os procedimentos metodológicos da ciência natural podem aplicar-se diretamente às Ciências Sociais; 2), O produto final das investigações realizadas pelo cientista social pode formular-se em termos paralelos aos da Ciência natural. Isto significa que a sua análise deve expressar-se em leis ou generalizações.

Evidentemente que o Positivismo alcançou êxitos inquestionáveis e inquietantes. Mas nos perguntamos: É suficiente, é completo para qualquer área do conhecimento e da ação humanos?

PESQUISA SOCIAL E SAÚDE: QUAL A REAÇÃO?

Sabemos muito bem da influência da ciência e metodologia positivistas nos diferentes campos do conhecimento humano e não negamos os seus extraordinários avanços e fantásticas realizações.

Mas, nestes momentos em que todo o saber e fazer estão sendo questionados, em que as epistemologias têm seu estatuto amplamente discutido, perguntamos: *Qual o caminho a seguir?*

Desde que Blake, o grande poeta

inglês, reconheceu não ser o universo um *mecanismo*, senão um *organismo vivo*, as idéias de *holismo*, *incompletude* e *dinâmica dialética* têm sido enormemente revisitadas e apreciadas.

Nos finais deste nosso século XX, estamos convencidos (como pensava Kierkegaard) que a *subjetividade* e a *concreção da verdade*, unidas, constituem a *verdadeira luz*. A ciência atual não pode ser distante ou alheia, ela está comprometida com o sentido de humanidade e este significa a *partilhar* e o *fazer intencional*.

Por isso, em um enfoque mais crítico, poderíamos dizer que a *Ciência Social* é entender a *realidade social* segundo a vêm pessoas diferentes, e demonstrar como suas visões conformam a ação que adotam dentro desta realidade.

Não é de causar espanto que, nestes momentos, tenham bastante relevância as dimensões: existencialista-fenomenológica; interacionismo simbólico; análise hermenêutica; dinâmica dialética e as teorias críticas da sociedade, com suas dinâmicas de animação sócio-cultural e pesquisa-ação.

Estas novas possibilidades se espelham nos postulados:

(1) Os seres humanos agem na base de *significados* que têm sobre eles mesmos, sua sociedade e seu mundo.

(2) A atribuição de significados é um *processo* contínuo de dinâmicas *simbólicas* e *reais*. As idéias de Psicologia Sócio-Histórica nunca estiveram tão vivas e desafiadoras, bem como as contribuições de uma Psicologia de Cultura, harmonizando com as teorias do caos e a construção do holismo, nunca foram tão relevantes e oportunas.

(3) O processo de atribuição de significados tem valor porque é feito em um *contexto social*. Cada pessoa *desenha* a sua ação porque é inevitável a subjetividade do *outro*, em outras palavras só é possível o pessoal porque nos dirigimos à *construção* dinâmica e solidária de um *social*.

"É evidente que o Positivismo alcançou êxitos inquestionáveis e inquietantes. Mas nos perguntamos: é suficiente completo para qualquer área do conhecimento e ação humanos?"

Em um universo que assim se apresenta, é básico perguntar qual o sentido da *Saúde* e a sua relação com a *Pesquisa Social*. Evidentemente que se trata de uma temática fascinante e ineludível. Na medida em que as ciências da saúde avançam, sua *ontologia*, sua *epistemologia*, sua *concepção de natureza humana* e sua *metodologia* são fortemente questionadas e revisadas.

Obviamente que a *Saúde*, tal como o *ser humano*, são de difícil definição e determinação. As tendências mais desafiadoras nos levam a concluir mais pela sua *compreensão* do que pela sua *generalização*. Saúde, como possível entendimento de equilíbrio-instável, em um mundo de rápidas e imprevisíveis mudanças, é algo que deve de emanar da *abertura*, da *consciência do pessoal* e da *dinâmica do social*.

A relação com *Ciência Social* é inquestionável e dialética, entretanto depende dos *níveis de compreensão científica* e do *sentido do problema*. Cremos não ser possível mais, inocentemente, atribuir valor mágico ao Método Científico, ele não tem este poder.

A ciência vale na medida em que tem valor o ser humano e é preciso resgatar esta relação ética, sem ela a Pesquisa Social se torna um mero instrumento sem sentido.

Ao encerrarmos este trabalho, acreditamos nas palavras de Mileva Maric a Albert Einstein

" Não creio que a estrutura do crânio humano deva ser culpada pela incapacidade do homem de entender o conceito de infinito. Poderia certamente compreendê-lo se, na juventude, enquanto desenvolve seu senso de percepção, fosse permitido a ele aventurar-se pelo universo, ao invés de ficar aprisionado à Terra ou, pior ainda, confinado dentro de quatro paredes num lugar provinciano."

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACKERMAN, Diane. *Uma história natural dos sentidos* Rio de Janeiro, Bertrand, 1992.

COHEN, Louis & MANION, Lawrence. *Métodos de investigación educativa*. Madrid, La Muralla, 1990.

GEERTZ, C. & CLIFFORD, J. *El surgimiento de la antropología posmoderna*. México, Gedisa, 1991.

GIDDENS, A. *Novas regras do método sociológico*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

KRIPPENDORFF, Klaus. *Metodología de análisis de contenido*. Barcelona, Paidós, 1990.

MOSQUERA, JUAN J. M. & STOBÄUS, Claus D. *Educação para a saúde?* Porto Alegre, D.C. Luzzato, 1984.

NUNES, Everardo Duarte (org.). *Juan César García. Pensamento Social em Saúde na América Latina*. São Paulo, Cortez, 1989.

PÉREZ SERRANO, Maria Glória. *Investigación-acción. Aplicaciones al campo social y educativo*. Madrid, Dykinson, 1990.

PRINI, Pietro. *História del Existencialismo*. Barcelona, Herder, 1992.

POURTOIS, Jean-Pierre & DESMET, Huguette. *Epistemología e instrumentación en ciencias humanas*. Barcelona, Herder, 1992.

RENN, Jürgen & SCHULMANN, Robert (org.). *Albert Einstein, Mileva Maric- Cartas de amor*. Campinas, Papirus, 1992.

RUIZ OLABUÉNAGA, José Ignacio & ISPIZUA, María Antonia. *La descodificación de la vida. Métodos de investigación cualitativa*. Bilbao, Universidade Deusto, 1989.

VYGOTSKY, L.S. *Obras escogidas*. I. Madrid, Visor, 1991.

_____. *Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores*. La Habana, Científico-Técnica, 1987.

INTERMOS

Ciência social, pesquisa social, saúde.

Prof. José Mourinho Mosquera
Prof. Titular PUCRS e UFRGS
Prof. Claus Dieter Stobäus
Prof. Adjunto PUCRS e UFRGS